

*Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV**

RENAN FRIGHETTO
Universidade Federal do Paraná

Resumo: A Antiguidade Tardia caracterizou-se como uma época de grandes transformações políticas, sociais, culturais e religiosas. Um processo de mudanças que atingiu o mundo imperial romano e que teve no Cristianismo um dos elementos mais significativos e motivador daquelas alterações. Com relevância ideológica, o cristianismo ariano, uma das diversas formas de interpretar a natureza de Cristo, teve uma interessante recepção entre os grupos bárbaros estabelecidos nos territórios imperiais romanos. Dentre estes grupos merece destaque o dos godos e nossa abordagem vai direcionada à análise sobre os clãs aristocráticos de origem goda que aceitaram a conversão ao cristianismo ariano e aqueles que ofereceram resistências e se mantiveram vinculados ao paganismo ancestral.

Palavras-Chave: Antiguidade Tardia; Império Romano tardio; godos; arianismo; paganismo.

Abstract: The Late Antiquity was characterized as a time of great political, social, cultural and religious. A process of change that hit the Roman imperial world and that Christianity was one of the most significant and motivating those changes. With ideological significance, Arian Christianity, one of several ways of interpreting the nature of Christ, had an interesting reception among the barbarian groups established in the Roman imperial territories. Among these groups is notable for the Goths and our approach will directed to the analysis of the aristocratic clans of Goths origin who accepted conversion to Arian Christianity and those who offered resistance and remained tied to ancestral paganism.

Keywords: Late Antiquity; Later Roman Empire; Goths; arianism; paganism.

Sobre a relação entre religião, poder e política na Antiguidade Tardia

A Antiguidade Tardia é considerada, por muitos, como uma fase da História da humanidade na qual a religião teve um papel destacado no ambiente da política e da sociedade. Uma afirmação dessa magnitude merece, evidentemente, uma explicação mais específica com o

firme propósito de se evitar aquele que pode ser considerado como um dos piores problemas com os quais o historiador se depara, o da generalização que acaba desvirtuando todo o conhecimento histórico. Lemos, desde os finais do século XVIII, que foi a motivação religiosa perpetrada pela ascensão do Cristianismo a verdadeira causadora do esfacelamento político e cultural do mundo clássico-helenístico com a derrocada do mundo imperial romano. Talvez possamos imputar ao Cristianismo a menor parcela de culpa pela desestruturação política do Império Romano do Ocidente, certamente acossado por problemas de índole interna, que vão desde questões político-administrativas e militares até aquelas de ordem econômica, que se tornaram intransponíveis nos finais do século IV e primórdios do século V. Seja como for tal afirmação leva-nos a um fato inquestionável: a importância da religião como elemento de destaque no processo de transformações e renovações característico daquele mundo romano cronologicamente demarcado entre os séculos II e VIII que, em nossa opinião, deve ser entendido como a época de passagem da Antiguidade à Idade Média, o que definimos como Antiguidade Tardia¹.

A definição sobre o termo *religio* proposta por Isidoro de Sevilha será o ponto de partida para buscarmos trilhar a importância da religião, no caso proposto pelo hispalense o Cristianismo católico², como veículo de afirmação do poder político estabelecido ao longo da Antiguidade Tardia e, também, signo da construção de *identidades* que promoveram a dicotomia entre os que eram considerados *bárbaros* e aqueles integrados no ambiente da *civilização* cristã. Tal distinção, entre o *bárbaro* e o *civilizado* entendido como *cristão* e *católico*, surge no momento em que o hispalense recorda que “religião vem a ser eleição”, feita quando os indivíduos “religam” suas almas ao culto do Deus único³. É evidente que Isidoro de Sevilha refere-se, nesse caso, a perspectiva unitária da *ecclesia*⁴ existente desde o Concílio de Nicéia de 325 e reafirmada nos Concílios de Constantinopla I de 381 e no de Calcedônia de 451, unidade que foi igualmente proposta, em termos ideológicos, no ambiente do mundo secular ao apontar-se o *imperator* como interlocutor e defensor da *ecclesia* enquanto comunidade dos homens⁵ que se vinculavam a Deus através da fé⁶. Novamente a idéia da “eleição” surge com força, mas plenamente voltada a uma concepção ideológica e política na medida em que o *imperator* aparecia como “eleito”, escolhido, para defender a unidade representada pela *ecclesia*. Ou seja, o detentor dos poderes políticos destacava-se como promotor da unidade que deveria atingir a todos os rincões dos espaços políticos, administrativos, sociais e culturais do mundo imperial

romano. A desapareção da autoridade imperial romana nos territórios ocidentais ao longo do século V provocou uma natural busca pela substituição da figura do *imperator* como *conductor* político e defensor da *ecclesia*. Surgem, nesse momento, dois expoentes políticos que tiveram grande importância na consolidação da *christiana religio* junto às sociedades políticas estabelecidas no ocidente tardo-antigo: referimo-nos à figura do bispo e, num segundo momento, ao monarca romano-bárbaro, ambos herdeiros do cada vez mais frágil poder imperial.

Devemos recordar que entendemos por *sociedade política* aquele conjunto de indivíduos detentores de importantes cargos e funções políticas, administrativas e militares, integrantes dos grupos sociais mais destacados, inclusive do ponto de vista cultural, das instituições políticas existentes na Antiguidade Tardia, como o *império* e os *reinos*. Aqui encontramos os partícipes das aristocracias regionais de origem senatorial romana e pré-romana, que envolviam tanto os segmentos laicos como os eclesiásticos, ao lado dos líderes tribais *bárbaros* presentes, de forma efetiva, desde os primórdios do século V nos territórios romanos ocidentais. Foram estes grupos políticos e sociais os maiores interessados pela construção de princípios teóricos e ideológicos que defendiam a noção de *unidade* presente no discurso eclesiástico desde Niceia com uma lógica extensão ao conjunto das instituições políticas e sociais que indicavam o *imperator*, o *rei* e o bispo como responsáveis pela preservação unitária do universo político e religioso no ocidente tardo-antigo. Um pensamento evidentemente nostálgico, quiçá uma proposta de *renovatio imperii* num momento histórico marcado tanto pelas diversidades regionais, que acabaram promovendo a fratura política e administrativa do *imperium* dos romanos nos territórios ocidentais, como pelas diferenças de interpretação religiosa que levaram o Cristianismo a ser visto de forma plural. Falamos, nesse caso, de *Cristianismos* entendidos como legítimos ou ilegítimos segundo a abordagem oferecida, mas todos portadores dum mesmo objetivo: oferecer uma explicação lógica sobre a natureza do Deus cristão e a sua conexão ao mundo terrestre, especialmente seu vínculo com a máxima autoridade política e secular legitimando-a e, em teoria, fortalecendo-a ideologicamente diante das ameaças existentes.

O principal formulador, ou até mesmo podemos defini-lo como construtor, de tais preceitos teóricos e ideológicos que aproximavam a religião e a política no mundo tardo-antigo era, por certo, encarnado pelo bispo cristão. Como bem apontou Ramón Teja “el obispo de la Antigüedad Tardía se presenta como una figura eminentemente laica, heredera del

político del mundo clásico greco-romano, aunque las bases de su poder fuesen religiosas”⁷ sendo sua figura vista como um verdadeiro catalisador da fusão dos argumentos religiosos e políticos que serviram de base para a elaboração das teorias políticas relativas ao poder concedido ao soberano. De fato, a formação aristocrática e superior percebida pelo bispo cristão, equivalente nalguns casos aos antigos *rhetores* e *gramáticos* pagãos⁸, colocava-o em condições extraordinárias para realizar a importante tarefa de articular os preceitos políticos teóricos existentes no passado pagão que, a partir do século IV, foram transformados e reformulados com um discurso cristianizado. Para tanto podemos tomar como exemplo a perspectiva da *caridade* cristã, associada à figura episcopal e dirigida aos *pobres*, que tem uma proximidade evidente à *emergese* helenística, benfeitoria que atingiria a totalidade do corpo de cidadania da *polis/ciuitas*. Além disso, a idéia da defesa dos mais humildes por parte do bispo, com traços evidentemente retóricos, também encontrava paralelo na função do *defensor ciuitatis* criada em meados do século IV por Valentiniano I, embora na origem a criação deste cargo administrativo obedecesse a razões estritamente fiscais. Com a lenta e paulatina desestruturação da autoridade imperial romana ocidental e a redução da importância do edifício burocrático a ela vinculado, a figura episcopal surgia como verdadeira alternativa de interlocução entre os diversos grupos sociais e políticos existentes no interior da *ciuitas* tardo-antiga e, também, dela para outros ambientes políticos. Para tanto, basta recordarmos Ambrósio de Milão ou Papa Leão Magno para mensurarmos a dimensão do seu papel político nos contextos históricos específicos vivenciados por ambos. Característica que também podemos observar em vários outros bispos, inclusive os que denominamos pelo epíteto de *heréticos*.

Entre o *paganismo* e a *heresia*: os godos e o arianismo nos séculos IV-V

Ao se definir que determinado grupo humano praticava o *paganismo* ou a *heresia* acabamos por constatar a existência, da parte de quem oferecia tal descrição, duma idéia de *identidade* e de *alteridade*, conceitos antagônicos e já presentes nas fontes helenísticas, romanas e tardo-antigas. Tais definições encontravam-se direta ou indiretamente relacionadas com uma plêiade de outros conceitos, como os de *civilização* e de *barbárie*, por exemplo, formando uma espécie de perfil no qual poderiam ser enquadrados os *pagãos* e os

heréticos. Novamente aqui nos deparamos com a importante contribuição dos pensadores eclesiásticos que desde a sua percepção católica e nicena apresentaram-nos o seu entendimento sobre o outro, nesse caso aqueles que se negavam, *a priori*, a abraçar o que era apresentado como a verdadeira fé, a católica⁹, dotada duma das mais importantes *virtudes*, a *fidelitas*, que extrapolava a dimensão puramente religiosa atingindo em pleno o espaço político. Verificamos esta transposição quando analisamos a definição oferecida por Isidoro de Sevilha sobre os *pagãos* que aparecem vinculados ao ambiente do mundo rural, rústico e agreste onde se encontravam os bosques sagrados e os ídolos¹⁰, desconhecendo a lei e a fé¹¹. Ora, encontramos aqui exatamente os argumentos característicos da *christiana civilitas*, o respeito à lei, feita pelos homens, mas expressão da própria divindade, ao lado da crença e da eleição pela verdade divina. Vale observar que o *paganismo* estava diretamente relacionado ao ambiente camponês, sendo este alheio e contraditório com os preceitos que caracterizavam o espaço da civilização representado pela própria *civitas*. Podemos também ver nessa informação a associação entre o mundo urbano, a civilização, o cristianismo e aquele que o representava na *civitas*, o bispo. Assim, podemos dizer que o cristianismo tardo-antigo, principalmente nos territórios imperiais romanos ocidentais, passou a ganhar projeção institucional junto daquele universo citadino onde a figura episcopal foi, paulatinamente, ocupando os espaços políticos e de poder deixados pelas fragilizadas instituições imperiais romanas ocidentais. Por outro lado, o ambiente rural, o *pagus*, aparecerá como fronteira distante, lugar de dificuldades e de busca pela perfeição para os *homens santos* cristãos, que ofereciam combate ao *paganismo* das populações rurais entendido como prática maléfica e demoníaca. Logo deparamo-nos com dois espaços distintos e característicos dessa Antiguidade Tardia ocidental: o da *civitas*, onde o cristianismo e a figura episcopal ganharam projeção política e social, em oposição ao *pagus*, área na qual mantinha-se vivo um *paganismo* ancestral e animista ainda forte junto aos grupos sociais camponeses e no qual destacava-se o papel evangelizador do *homem santo* cristão.

Ao lado deste vasto grupo social vinculado ao mundo camponês que mantinha práticas *pagãs* autóctones entendidas como reação regional contra o poder imperial, devemos agregar a presença e a inserção de elementos *bárbaros* que eram, originariamente, externos ao mundo romano e que foram estabelecidos nos territórios imperiais como *dediticii* – aliados de Roma desde finais do século III e primórdios do século IV¹². Verdadeiros *auxiliares* dos imperadores romanos na defesa das fronteiras imperiais, os *bárbaros*

tornavam-se *aliados* depois de serem derrotados militarmente pela autoridade imperial romana que estabelecia com aqueles tratados e pactos de aliança. Dos vários pactos firmados entre Roma e as tribos *bárbaras*, dirigiremos nossa atenção ao que foi estabelecido no ano de 332 por Constantino e os godos derrotados pelo *imperador* nas áreas do Danúbio¹³, *foedus* que teve uma significativa importância para o futuro religioso e político dos godos no restante da Antiguidade Tardia. Tal afirmação pode ser feita a partir das informações legadas por Sócrates em sua *História Eclesiástica* onde observamos a utilização do Cristianismo, por parte da autoridade imperial romana, como via de condução dos godos a *ciuilitas*¹⁴. Tal ação imputada a Constantino como decorrência da vitória sobre os godos e na qual o imperador surge como promotor da fundação de várias *ecclesiae* cristãs nas regiões onde estavam assentados godos e sármatas¹⁵, assemelhava-se àquela apresentada por Aelius Spartianus relativa a Adriano na *Vita Hadriani*¹⁶, que integrava o *corpus* das biografias da *Historia Augusta*, que indicava a proposta de levar a monarquia à moda romana para o interior da *Germânia* com o claro intuito de conduzir as populações bárbaras no caminho da *romana ciuilitas*¹⁷. Parece-nos inquestionável que Sócrates apresentava, com seu argumento, a iniciativa de Constantino de levar os godos na direção da *christiana ciuilitas*, atitude que teve um desdobramento favorável na medida em que determinados clãs godos acabaram reconhecendo o cristianismo em termos religiosos. Isso significa dizer que nem todos os grupos aristocráticos bárbaros converteram-se de forma imediata e direta apontando para um processo de conversão lento, paulatino e descontinuado entre as populações bárbaras.

Dentre os godos derrotados por Constantino e enviados na qualidade de legados, ou como reféns, à Constantinopla, certamente que se encontrava o jovem Úfilas, discípulo do bispo ariano Eusébio de Nicomédia que iniciou o processo de evangelização da fé ariana entre os godos a partir de 340¹⁸. O mesmo Úfilas poderia ser, provavelmente, o “presbítero” que aparece descrito por Amiano Marcelino como integrante da embaixada dos godos liderados por Fritigerno e que tentaram negociar com o imperador Valente às vésperas da batalha travada em Andrinopla no ano de 378¹⁹ que teve, como sabemos, graves conseqüências para a autoridade imperial romana oriental²⁰. Detalhe interessante indicado por Amiano, já que diz respeito à vinculação de um líder bárbaro, Fritigerno, com um “presbítero” que, sendo Úfila, seria ariano. Proposta que ganha projeção se recordarmos a condição ariana do imperador Valente²¹, com quem se buscava alcançar um acordo, além da

notícia sobre a perseguição movida pouco antes pelo *rex Gothorum* Athanarico contra os cristãos existentes entre os godos²² que, neste caso, seguiriam os ensinamentos legados por Úlfilas. Logo, encontramos um primeiro sinal da efetiva aceitação do cristianismo ariano entre os godos, bem como uma confrontação entre os clãs aristocráticos que se mantinham pagãos com aqueles que passaram ao arianismo. Ao que tudo indica este antagonismo era representado por lideranças específicas, Athanarico entre os grupos paganizados e Fritigerno entre os que haviam adotado o arianismo, respondendo, talvez, a uma tendência de aproximação, de integração e mesmo aliança ao âmbito da *romana civilitas*. Dessa forma, Fritigerno e Úlfilas representariam os grupos aristocráticos godos arianos e mais próximos à autoridade imperial romana, que nesse momento comungava do mesmo credo ariano. Contudo, apesar desta aproximação religiosa, os problemas gerados tanto pelo descaso da autoridade imperial romana como pela provável pressão dos clãs aristocráticos godos sobre seu líder culminou com a confrontação romano-bárbara em Andrinopla. O certo é que o arianismo surgia como preceito religioso e ideológico acolhido por uma significativa parcela dos membros da aristocracia goda em finais do século IV.

Tal constatação leva-nos à necessidade de definirmos o conceito de *heresia* já que devemos pensar os motivos que levaram Úlfilas e determinados grupos aristocráticos godos a aceitarem uma perspectiva religiosa com tal consideração por parte das fontes tardo-antigas. Para tanto, lançaremos mão, uma vez mais, das informações legadas por Isidoro de Sevilha, que nos oferece uma definição conceitual amparada numa perspectiva católica que foi, ao fim e ao cabo, adotada pelos visigodos em finais do século VI²³ e que revela uma natural condenação do arianismo como *heresia* na medida em que aquele distava, em termos dogmáticos, do catolicismo reconhecido como universal e válido desde o Concílio de Niceia de 325. Nesse sentido, explicamos o hispalense, *heresia* é um termo e conceito derivados de *eleição* revestida de erros que afastam os seus seguidores da autêntica comunidade de crentes²⁴ e que acaba ganhando uma pluralização na medida em que são apresentadas 67 *heresias* que, ao longo do tempo, “apareceram contra a fé católica”²⁵. Dentre estas encontramos a *heresia* ariana, nascida da interpretação oferecida por Ário de Alexandria que negava a vinculação entre o Pai e o Filho recusando, dessa forma, a proposta da Trindade²⁶ que foi, por certo, vitoriosa no Concílio de Niceia de 325²⁷. Evidente que a disputa relativa à natureza da Trindade era um dos elementos de disputa entre segmentos da sede episcopal de Alexandria, liderada por Atanásio, bem como desta com outras sedes

episcopais do oriente helenístico romano no século IV²⁸. Por outro lado, devemos agregar as disputas políticas internas e características do mundo imperial romano nos primórdios da quarta centúria onde a figura de Constantino ganhava projeção e destaque²⁹. Havia, portanto, uma disputa ideológica à volta do poder imperial envolvendo duas concepções dogmáticas de relevância no momento, a católica e a ariana, confronto que se acirrou até os primórdios do século V entre gregos e romanos, ganhando projeção até os séculos VI e VII entre os grupos bárbaros instalados na antiga *pars occidentalis* do mundo imperial romano. Mas é necessário recordar que esta disputa ideológica e política entre católicos e arianos atingiu em pleno os grupos bárbaros estabelecidos dentro e mesmo fora das fronteiras romanas desde a metade do século IV, em particular os godos fixados nas regiões da *Thracia* e do Danúbio. De fato os problemas decorrentes da perseguição promovida por Athanarico contra os arianos, apontada tanto por Orósio como por Sócrates, demonstram a efetiva difusão entre clãs godos do arianismo que teve na figura de Fritigerno um exemplo contundente. Após a vitória goda em Andrinopla, com a conseqüente morte do imperador Valente, a situação voltou a ser controlada pela autoridade imperial romana oriental por volta do ano de 382, quando Teodósio, após algumas vitórias militares, estabeleceu um novo *foedus* com os godos liderados por Athanarico³⁰. Ao ingressar em Constantinopla para validar o pacto com Teodósio, o *gothorum rex*, repentinamente, morre e os integrantes da aristocracia goda decidiram, na ótica de Paulo Orósio, se submeter ao poder de Teodósio³¹.

As disputas políticas entre os godos: Alarico e os Baltos arianos contra Radagaiso e os clãs pagãos

Um problema histórico surge com a morte de Athanarico, o de como definimos os godos. Desde já devemos apontar que entendê-los como grupo unitário e coeso é, sob todos os prismas, totalmente incoerente. Seguimos, para tanto, a afirmação de Orósio que aponta os alanos, os hunos e os godos como integrantes do universo dos Citas sendo, por esse motivo, praticamente impossível de definir os godos de forma peremptória³². Ou seja, ao indicar a existência de vínculos e contatos com os godos devemos matizá-los, pois entre aqueles encontraríamos líderes de grupos e clãs de origem diversa e, também, com tendências religiosas distintas. Teríamos como casos mais significativos, apontados pelas fontes, os de dois chefes guerreiros que se

alçaram à condição de *reges gothorum* quase que simultaneamente, Alarico e Radagaiso. O primeiro, Alarico, é o mais reconhecido pela historiografia na medida em que foi o responsável pelo famoso saque de Roma ocorrido no ano de 410. Mais que isso, parece-nos essencial compreendermos a caracterização oferecida sobre a figura deste *rex*. Ao que tudo indica, desde o ano de 382, quando os godos firmaram o *foedus* com Teodósio e, logo após, deu-se à morte de Athanarico, emergiu a liderança de Alarico entre o clã dos Baltos sendo, por sua vez, muito difícil estabelecer com clareza quando este personagem passou à condição de *rex gothorum*³³. Apesar disso, é bastante interessante a ideia oferecida por Orósio sobre Alarico entre os anos de 400 e 402, ano da batalha de *Pollentia*, nas proximidades de Verona, quando o autor hispano-romano indicou que Alarico era rei “dos seus godos”³⁴. Naquele confronto Alarico foi vencido por Estilício, *magister militum occidentalis* e tutor do jovem imperador Honório³⁵, mas o que chama a nossa atenção é a forma como o líder godo aparece denominado. Com efeito, Alarico é rei “dos seus godos” sem sê-lo de “todos” os godos. Certamente que teríamos aqui uma vinculação de Alarico com seu clã apontando sua liderança sobre o grupo dos aristocratas bárbaros que integravam o espaço político dos Baltos. Contudo, em nossa opinião, para além dessa abordagem política que vinculava o *rex* com os integrantes do seu clã, devemos inserir uma perspectiva religiosa para tal descrição na medida em que Alarico lideraria um grupo aristocrático godo associado ao cristianismo ariano, herético desde o ponto de vista das fontes católicas, mas integrado no ambiente maior da *romana civilitas*³⁶.

A afirmação feita por Orósio sobre Alarico encontrava um contraponto na figura de outro líder bárbaro e godo, Radagaiso, que surgia como uma segunda liderança entre os godos que ameaçavam a *Itália* nos primórdios do século V. Apresentado com pagão e *bárbaro*³⁷, Radagaiso parece associado àqueles grupos aristocráticos godos coligados a Athanarico e resistentes ao processo de evangelização e conversão propostas por Úlfilas no século IV sendo, por este motivo, apontado como portador da crueldade e autêntico *inimicus romanorum*³⁸. O certo é que a ameaça representada por Radagaiso foi dissipada pela vitória militar imposta por Estilício e seus aliados bárbaros, o huno Vldin e o godo Sarus, que culminou com a morte do *scytha*³⁹. Curioso é que a denominação *scytha* aparece relacionada com a condição bárbara e de pagão lançada sobre Radagaiso, elementos que reforçam a idéia da intervenção divina para debelar tal ameaça aos romanos e seus aliados cristãos⁴⁰. Já os chefes militares Vldin e Sarus, huno e godo respectivamente, que prestaram apoio à causa romana são apresentados

duma forma positiva apesar de sua condição de bárbaros. Em nossa opinião, segundo a interpretação que podemos realizar a partir do relato de Orósio e do Conde Marcelino, a *barbárie* de Vldin e de Sarus era minimizada por conta de sua proximidade a defesa de Roma e da *romana ciuilitas*, sendo possível que ambos e seus grupos de apoio tivessem alguma inserção no universo cristão, provavelmente o ariano. Isso reforçaria nossa argumentação de que vários clãs e tribos de origem bárbara, dentre os quais encontraríamos o de Alarico e dos Baltos, se integraram ao ambiente político e cultural da civilização romana através da aceitação do cristianismo ariano como signo religioso próprio.

Conclusões parciais

Dessa forma, compreendemos o fenômeno da evangelização e da conversão de determinados grupos e clãs bárbaros ao cristianismo, prioritariamente ariano, no século IV, como ação de inserção e aceitação no interior da *romana ciuilitas*. Com efeito, nos casos apresentados pelas fontes, como os de Fritigerno e Alarico, a perspectiva da busca pela negociação e inclusão no interior do mundo político imperial romano se fez com interlocutores que aceitavam o cristianismo ariano como veículo ideológico de reforço da autoridade do líder guerreiro, apresentado como *rex*, aliado, evidentemente, com as antigas tradições ancestrais e pagãs das *gentes* bárbaras que, a partir de então, foram transformadas e re-elaboradas com a inserção de elementos cristãos. Para reforçar este quadro as fontes apresentam personagens que também integravam o ambiente político bárbaro, particularmente o de procedência goda, mas associados aos antigos preceitos definidores da *barbárie* com novos argumentos cristãos. Por esse motivo encontramos personagens como Athanarico e Ragadaiso, ambos apresentados como perseguidores e inimigos dos cristãos, vistos como uma verdadeira ameaça a sobrevivência da civilização romana e cristã, com especial acento no caso de Ragadaiso. A partir dessa análise podemos apontar a vinculação de certos clãs com o arianismo, caso dos Baltos, ou a manutenção duma tradição pagã que tende a escapar do protótipo do godo ariano, definindo-o como *bárbaro*, *pagão* e proveniente do mundo das estepes, recebendo o epíteto de *scytha*. Nesse caso se estabelece, podemos até dizer se cria, um interessante perfil de identidade e alteridade entre os diversos grupos bárbaros, os primeiros estabelecidos no interior dos territórios imperiais

romanos e que aceitam o cristianismo como forma religiosa, integrados no ambiente da *romana ciuilitas*, enquanto outros continuavam sendo descritos como *bárbaros* dotados de *crudelitas* e *ferocitas*, alheios a civilização e aos novos preceitos cristãos a ela incorporados.

Verificamos, portanto, que religião e política caminhavam a par e passo nos primórdios da Antiguidade Tardia devendo ser interpretados como complementares um ao outro e jamais como subalternos um ao outro. A incorporação por parte da autoridade imperial romana do cristianismo como base de explicação ideológica do poder ao longo do século IV, onde o vínculo à divindade respondia, em certa medida, um anseio comum desde o século III e apontado pelo pensamento neoplatônico com a representação de um deus único que regia os destinos do homem ao lado de um representante terreno do mesmo, nesse caso o *imperator*, encontrou entre os bárbaros o seu representante, o *rex*, amparado, igualmente, nas antigas tradições ancestrais bárbaras que acabavam por consolidá-lo como autoridade reconhecida por todos os líderes de clãs a ele vinculados. Assim, observamos que a relação entre religião e política entre os godos no século IV tinha profundas relações contextuais que excediam questões religiosas e políticas, alcançando dimensões sociais e culturais extraordinárias. Essa é uma das verdadeiras riquezas de estudarmos a Antiguidade Tardia, um momento de transformações e re-elaborações essenciais para entendermos as permanências, continuidades e as possíveis rupturas que fizeram dela um período distinto, único, que merece e deve ser objeto de estudo do historiador.

Referências

Abreviaturas de fontes

Ael.Spart.,Vit.Hadr. = MAGIE, D.: *Aelli Spartiani. De Vita Hadriani. Scriptores Historiae Augustae, I*. Cambridge: Loeb Classical Library, 1991, p.2-81.

Amm.,Hist. = ROLFE, J.C.: *Ammianus Marcellinus. Rerum Gestarum*. Cambridge: Loeb Classical Library, 2001, 3v.

Aur.Vic.,De Caes. = BIRD, H.W., *Aurelius Victor: De Caesaribus*. Liverpool: Liverpool University Press, 1994.

Conc.Nic. = MARTINEZ DIEZ, G. & RODRIGUEZ, F., *Colección Canonica Hispana III. Concilios Griegos y Africanos*. Madrid: CSIC, 1982.

Isid., Etym. = OROZ RETA, J. & MARCOS CASQUERO, M.A., *San Isidoro de Sevilla. Etimologías (Edición Bilingüe)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 2v.

Iord., Get. = MOMMSEN, Th., *Iordanes. Getica. Monumenta Germaniae Historica. Auctores Antiquissimi XI*. Berlim: 1981.

Marc. Com., Chron. = MOMMSEN, Th., *Marcellinus Comes. Chronicon. Monumenta Germaniae Historica. Auctores Antiquissimi XI 2*. Munique: 1981

Or., Hist. Adv. Pag. = ZANGEMEISTER, C., *Pauli Orosii Historiarum adversum paganos, libri VII*. New York: Johnson Reprint Corporation, 1966.

Socr., Hist. Eccl. = MIGNE, J.P., *Patrologiae Graeca Tomus LXVII. Socrates Scolastico. Historia Ecclesiastica*. Paris: Petit –Montrouge, 1864.

Obras de apoio

FERNÁNDEZ, G., “Wulfila y el sinodo de Constantinopla del año 360”, in: *Antigüedad y Cristianismo III – Los visigodos. Historia y civilización*. Murcia: Ediciones Universidad de Murcia, 1986.

FRIGHETTO, R., “A ‘longa’ Antigüidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico”, in: *Pré-atas VII Semana de Estudos Medievais*. Brasília: Programa de Estudos Medievais da Universidade de Brasília, 2009 (inédito).

_____, “Monarquia e poder régio nos primórdios do século V: os visigodos e a herança baixo-imperial romana”, in: *Un magisterio vital: historia, educación y cultura. Homenaje a Héctor Herrera Cajas (Eds. José Luis Widow, Álvaro Pezosa & José Marín)*. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2009.

_____, “Algunas consideraciones sobre las construcciones teóricas de la centralización del poder político en la Antigüedad Tardía: Cristianismo, tradición y poder imperial”, in: *Historia: Entre el pesimismo y la esperanza (Ed. Paola Corti, José L. Widow & Rodrigo Moreno)*. Viña del Mar: Ediciones Altazor, 2007.

GARCIA MORENO, L.A., “Prosopography, nomenclature, and royal succession in the Visigothic Kingdom of Toledo”, in: *Journal of the Late Antiquity, 1/1*. Washington: The Johns Hopkins University Press, 2008.

GEARY, P., *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Livros, 2005.

- GOFFART, W., “The barbarians in Late Antiquity and how they were accommodated in the west”, in: *From Roman provinces to Medieval kingdoms* (Ed. T.F.X. Noble). London-New York: Routledge, 2006.
- HEATHER, P., *The Goths*. Oxford: Blackwell, 2002.
- HILLGARTH, J., *The Visigoths in History and Legend*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2009.
- TEJA, R., “La cristianización de los ideales del mundo clásico: el obispo”, in: *Emperadores, obispos, monjes y mujeres. Protagonistas del cristianismo antiguo*. Madrid: Editorial Trotta, 1999.
- _____, “Monacato e Historia Social: los orígenes del monacato del bajo imperio romano”, in: *Emperadores, obispos, monjes y mujeres...*
- VALVERDE CASTRO, M.R., *Ideología, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.
- VENTURA, G., “A relação Estado/Igreja no Império Romano (séculos III e IV)”, in: *Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural* (Ed. Gilvan Ventura da Silva & Norma Musco Mendes). Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- WIRTH, G., “Rome and its germanic partners in the fourth century”, in: *Kingdoms of the Empire. The integration of barbarians in Late Antiquity* (Ed. Walter Pohl). Leiden/New York/Köln: Brill, 1997.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 01 de novembro de 2010 e aprovado para publicação em 01 de dezembro de 2010.

¹ Vários estudos e artigos tratam do tema. Referenciaremos um estudo apresentado recentemente por FRIGHETTO, R., “A ‘longa’ Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico”, in: *Pré-atas VII Semana de Estudos Medievais*. Brasília: Programa de Estudos Medievais da Universidade de Brasília, 2009 (inédito).

² Vale sempre recordar a definição oferecida pelo bispo de Sevilha sobre o termo *católico*, *Isid., Etym., VIII, 1: ... Catholica, universalis, Kath'hólon, id est secundum totum...*, com o significado de *universal* enquanto voltado à *unidade*.

³ *Isid., Etym., VIII, 2, 2: Religio appellata quod per eam uni Deo religamus animas nostras ad cultum divinum vinculo serviendi. Quod verbum compositum est a relegendo, id est eligendo, ut ita Latinum videatur religio sicut eligio.*

⁴ *Isid., Etym., VIII, 1, 3: Cur autem Ecclesia cum una sit, a Iohanne septem scribuntur, nisi ut una catholica septiformi plena Spiritu designetur?...*

⁵ *Isid., Etym., VIII, 1, 1: Ecclesia Graecum est, quod in Latinum vertitur convocatio, propter quod omnes ad se vocet...*

⁶ *Isid., Etym., VIII, 2, 4: ...Proprie autem nomen fidei inde est dictum, si omnino fiat quod dictum est aut promissum. Et inde fides vocata, ab eo quod fit illud quod inter utrosque placitum est, quasi inter Deum et hominem...*

⁷ Cf. TEJA, R., “La cristianización de los ideales del mundo clásico: el obispo”, in: *Emperadores, obispos, monjes y mujeres. Protagonistas del cristianismo antiguo*. Madrid: Editorial Trotta, 1999, p.76.

⁸ Para TEJA, R., “La cristianización...”, p.86, “...Pero como maestro, el obispo necesita también d la retórica. La retórica en el mundo helenístico y romano significaba no sólo la capacidad de defender a los demás mediante el uso de la palabra, sino que era la mejor expresión de la cultura...”.

⁹ Segundo *Or., Hist. Adv. Pag., VII, 1, 1: ...probari de medio queat, unum illum et uerum Deum, quem Christiana fides praedicat...*

¹⁰ *Isid., Etym., VIII, 10, 1: Paganis ex pagis Atheniensium dicti, ubi exorti sunt. Ibi enim in locis agrestibus et pagis gentiles lucos idolaque statuerunt, et a tali initio vocabulum pagani sortiti sunt.*

¹¹ *Isid., Etym., VIII, 10, 2: Gentiles sunt qui sine lege sunt, et nondum crediderunt...; exatadamente o oposto dos verdadeiros fiéis, conforme Or., Hist. Adv. Pag., VII, 1, 5: ...etsi uerissime fortissimeque dicuntur, fidelem tamen atque oboedientem requirunt, mihi autem, uidero an aliquando credituris, certe nunc cum incredulis actio est...*

¹² Para tanto vide WIRTH, G., “Rome and its germanic partners in the fourth century”, in: *Kingdoms of the Empire. The integration of barbarians in Late Antiquity* (Ed. Walter Pohl). Leiden/New York/Köln: Brill, 1997, pp.38 e ss..

¹³ Referência a esta vitória de Constantino é apontada por *Entr., Brev., X, 7, 1: ...Nam etiam Gothos post civile bellum varie profligavit pace his ad postremum data, ingentemque apud barbaras gentes memoriae gratiam conlocavit...; Aur. Vic., De Caes., 41, 13: ...Et interea Gothorum Sarmatarumque stratae gentes...; Or., Hist. Adv. Pag., VII, 28, 29: ...mox Gothorum fortissimas et copiosissimas gentes in ipso barbarici soli sinu, hoc est in Sarmatarum regione, deleuit...; e também em Iord., *Get.*, 21: ...ab imperio Constantini uictoris gladio trucidarunt, nam et ut famosissimam et Romae emulam in suo nomine conderet ciuitatem, Gothorum interfuit operatio, qui foedus initio cum imperatore quadraginta suorum milia illi in solacio contra gentes uarias obtulere; quorum et numerus et militia usque ad praesens in re publica nominatur, id est foederati. Tunc etenim sub Ariarici et Aorici regum suorum florebat imperio. Post quorum decessum sucesor regni extitit Geberich uirtutis et nobilitatis eximius...; análise mais pormenorizada deste tratado de 332 é feita por FRIGHETTO, R., “Monarquia e poder régio nos primórdios do século V: os visigodos e a herança baixo-imperial romana”, in: *Un magisterio vital: historia, educación y cultura. Homenaje a Héctor Herrera Cajas* (Eds. José Luis Widow, Álvaro Pezoa & José Marín). Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2009, p.246.*

¹⁴ *Socr., Hist. Ecl., I, 18: ...adeo ut aurum quod a priscis imperatoribus dari consueverat barbaris, in posterum adimeret, et ipsi insperata clade percussi Christianam religionem...*

¹⁵ *Socr., Hist. Ecl., I, 18: ...Sub idem tempus cum barbari, Sarmatae scilicet et Gotbi, irruptione facta Romanorum agros vastarent, imperatoris tamen studium in construendis ecclesiis nentiquam propterea et imminutum: sed utrique negotio competentem curam ac sollicitudinem adhibuit: nam hos quidem, Christi tropaeo confisus...*

¹⁶ Para tanto, vide MAGIE, D.: *Aelli Spartiani. De Vita Hadriani. Scriptores Historiae Augustae, I*. Cambridge: Loeb Classical Library, 1991, p.2-81.

¹⁷ *Ael.Spart.,Vit.Hadr.,12:...*Per ea tempora et alias frequenter in plurimis locis, in quibus barbari non fluminibus sed limitibus dividuntur, stipitibus magnis in modum muralis saepis funditus iactis atque conexcis barbaros separavit. Germanis reges constituit...

¹⁸ Segundo HEATHER,P., *The Goths*. Oxford: Blackwell, 2002, p.60, "...The Tervingi proved more than a little resistant, however, to Roman blandishments. Part of the Roman strategy, for instance, seems to have been to Christianize them. Constantius II, sponsored Christian activity north of the Danube in the 340s, ordaining as bishop Ulfila, creator of the Gothic Bible..."; para GEARY,P., *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Livros, 2005, p.108, "...Por volta de 330, Ulfilas foi para Constantinopla como membro de uma delegação, viveu em território imperial por algum tempo e, em 341, foi consagrado 'bispo dos cristãos das terras géticas' pelo Concílio de Antioquia, e então enviado aos Balcãs góticos..."; e de acordo com FERNÁNDEZ, G., "Wulfila y el sínodo de Constantinopla del año 360", in: *Antigüedad y Cristianismo III – Los visigodos. Historia y civilización*. Murcia: Ediciones Universidad de Murcia, 1986, p.48, "...Wulfila sería un cristiano que en calidad de tal fue nombrado después del antedicho triunfo romano de 332 miembro de una legación enviada a Constantinopla (...). Reinando ya Constancio II, Eusebio de Nicomedia culminó su labor ordenando a Wulfila obispo de los cristianos que vivían en tierras dominadas por los godos..."; ordenação indicada por *Socr.,Hist.Eccl.,IV,33:...*Eodem etiam tempore Ulphila Gothorum episcopus, Gothicas litteras excogitavit, et sacris Scripturis in Gothorum sermonem conversis...; *Iord.,Get.,51,267: Erant si quidem et alii Gothi, qui dicuntur minores, populus immensus, cum suo pontifice ipsoque primate Wulfila...*

¹⁹ *Amm.,Hist.,XXXI,12,8: Et dum necessaria parabantur ad decernendum, Christiani ritus presbyter (ut ipsi appellant), missus a Fritigerno legatus, cum aliis humilibus venit ad principis castra...; Socr.,Hist.Eccl.,IV,33:...*Sed quoniam Ulphila non tantum barbaros qui Fritigernum sequebantur...; *Iord.,Get.,26,135:...*Fritigernum Gothorum regulum...

²⁰ *Socr.,Hist.Eccl.,V,1: Postquam Valens incerto mortis genere periisset, barbari ad ipsa usque moenia Constantinopoleos iterum progressi, suburbana undique vastare coeperunt...; de acordo com Or.,Hist.Adv.Pag.,VII,34:...*restituendae reipublicae necessitate apud Sirmium purpura induit Orientisque et Thraciae simul praefecit imperio..., acentuando o grave problema decorrente da derrota romana frente as forças godas em Andrinopla.

²¹ *Or.,Hist.Adv.Pag.,VII,33:...*Valens(...)cui soli, cum impie ageret(...)quae autem per diuersas ubique prouincias his similibusque inssis aduersus ecclesias catholicas et rectae fidei populos gesta sint...; *Socr.,Hist.Eccl.,IV,35:...*Quae cum ad aures Valentis perlata essent, effecerunt ut Homousianos in exsilium mittere desisteret...

²² *Or.,Hist.Adv.Pag.,VII,32:...*Praeterea Athanaricus rex Gothorum Christianos in gente sua crudelissime persecutus, plurimos barbarorum ob fidem interfectos ad coronam martyrii sublimauit...; recupera tal concepção *Isid.,H.G.,9: Aera CCCCXVI anno XIII, imperii Valentis Gothi, qui primum christianos a sedibus suis expulerant...*

²³ *Isid.,H.G.,8:...*Cuius blasphemiae malum per discessum temporum regumque sucessum annis CCXIII tenerunt. Qui tandem reminiscentes salutis suae renuntiauerunt inolitae perfidiae et per Christi gratiam ad unitatem fidei catholicae peruenerunt.

²⁴ *Isid.,Ety.,VIII,3,1:Haeresis Graece ab electione vocatur, quod scilicet unusquisque id sibi eligat quod melius illi esse videtur(...)vel sicut alii qui perversum dogma cogitantes arbitrio suo de Ecclesia recesserunt.*

²⁵ *Isid.,Ety.,VIII,5,70: Haec sunt haereses aduersus catholicam fidem exortae...*

²⁶ *Isid., Etym., VIII, 5, 43: Ariani ab Ario Alexandrino presbytero orti sunt, qui coaeternum Patri Filium non agnoscens, diversas in Trinitate substantias adseruit, contra illud quod ait Dominus (Iob. 10, 30): “Ego et Pater unum sumus”.*

²⁷ *Conc. Nic., a. 325, Incip. fides Sancti Greg. Mai.: Vnus Deus, principium et Pater Verbi uiuentis, sapientiae existens et uirtutis et imaginis propriae; perfectus perfecti geniti, Pater Filii unigeniti. Et unus Dominus ex uno, Deus de Deo, figura substantiae Patris...*

²⁸ Idéia que pode ser averiguada a partir da informação de TEJA, R., “Monacato e Historia Social: los orígenes del monacato del bajo imperio romano”, in: *Emperadores, obispos, monjes y mujeres...*, p.153, “...Ya en sus inicios parece que el cristianismo egipcio tuvo unos orígenes ‘heterodoxos’, muy influidos de gnosticismo. Sólo en la segunda mitad del siglo II la Iglesia egpcia se integró en la ‘Gran Iglesia’ y esta integración se realizó fundamentalmente en Alejandría, donde en el siglo III destaca la enorme tarea llevada a cabo por Clemente de Alejandría y Orígenes...”.

²⁹ Ademais de uma grande quantidade de estudos e trabalhos relativos ao tema, vide FRIGHETTO, R., “Algunas consideraciones sobre las construcciones teóricas de la centralización del poder político en la Antigüedad Tardía: Cristianismo, tradición y poder imperial”, in: *Historia: Entre el pesimismo y la esperanza* (Ed. Paola Corti, José L. Widow & Rodrigo Moreno). Viña del Mar: Ediciones Altazor, 2007, p.302-4; e VENTURA, G., “A relação Estado/Igreja no Império Romano (séculos III e IV)”, in: *Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural* (Ed. Gilvan Ventura da Silva & Norma Musco Mendes). Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, pp.253 e ss..

³⁰ *Or., Hist. Adv. Pag., VII, 34: ...urbem Constantinopolim uictor intrauit et ne paruam ipsam Romani exercitus manum adsidue bellando detereret, foedus cum Athanarico Gothorum rege percussit...; Marc. Com., Chron., a. 381, 2: Athanaricus rex Gothorum, cum quo Theodosius imperator foedus pepigerat, Constantinopolim ‘mense Ianuario’ venit ‘eodemque mense’ morbo perit.*

³¹ *Or., Hist. Adv. Pag., VII, 34: ...Athanaricus autem continuo ut Constantinopolim uenit, diem obiit. Universae Gothorum gentes rege defuncto aspicientes uirtutem benignitatemque Theodosii Romano sese imperio dederunt...; Marc. Com., Chron., a. 382, 2: Eodem anno uersa gens Gothorum Athanarico rege suo defuncto Romano sese imperio dedit ‘mense Octobrio’.*

³² *Or., Hist. Adv. Pag., VII, 34: ...omnem fiduciam sui ad opem Christi conferens maximas illas Scythicas gentes formidatasque cunctis maioribus, Alexandro quoque illi Magno, sicut Pompeius Corneliusque testati sunt, euitatas, nunc autem extincto Romano exercitu Romanis equis armisque instructissimas, hoc est Alanos Hunos et Gothos...*

³³ A discussão historiográfica a volta do tema é muito bem apresentada por VALVERDE CASTRO, M.R., *Ideología, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000, pp.24-31; para GARCIA MORENO, L.A., “Prosopography, nomenclature, and royal succession in the Visigothic Kingdom of Toledo”, in: *Journal of the Late Antiquity*, 1/1. Washington: The Johns Hopkins University Press, 2008, p.143, “...The Visigothic monarchy, however, remained a typical germanic *Heerkönigtum*, founded by Alaric in 397...; nas fontes a informação também é presente em *Iord., Get., 29, 146: ...mox Gothis fastidium eorum increuit, verentesque, ne longa pace eorum resolveretur fortitudo, ordinato super se rege Halarico, cui erat post Amalos secunda nobilitas Baltorumque ex genere origo mirifica, qui dudum ob audacia uirtutis Baltiba, id est audax, nomen inter suos acceperat...; a vinculação de Alarico como rex no ano de 395 aparece em *Marc. Com., Chron., a. 395, 4: ...tendens Alaricum Gothorum regem...*, datação aceita por GOFFART, W., “The barbarians in Late*

Antiquity and how they were accommodated in the west”, in: *From Roman provinces to Medieval kingdoms* (Ed. T.F.X. Noble). London-New York: Routledge, 2006, p.196-7.

³⁴ Or., *Hist. Adv. Pag.*, VII, 37: *... barbaras gentes ille inmisit, hic fonit. Taceo de Alarico rege cum Gotthis suis saepe uicto...*

³⁵ Or., *Hist. Adv. Pag.*, VII, 37: *Interea cum a Theodosio imperatore seniore singulis potissimis infantum cura et disciplina utriusque palatii commissa esset(...) Stiliconi occidentalis imperii, quid uterque egerit, quidne agere conatus sit, exitus utriusque docuit...*

³⁶ Or., *Hist. Adv. Pag.*, VII, 37: *... quorum unus Christianus propiorque Romano et, ut res docuit, timore Dei mitis in caede...; segundo HILLGARTH, J., *The Visigoths in History and Legend*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2009, p.3, “...The Goths who supported Alaric did so as a reaction to Roman power. They were held together not only by Alaric but also by loyalty to Ulfila’s brand of Christianity...”.*

³⁷ *Marc. Com., Chron.*, a.406, 2: *Radagaisus paganus et Scythia cum ducentis milibus suorum tota Italiam inundavit.*

³⁸ Or., *Hist. Adv. Pag.*, VII, 37: *... taceo de ipsorum inter se barbarorum crebris dilacerationibus, cum s inuicem Gothorum cunei duo, deinde Alani atque Huni uariis caedibus populabantur. Radagaisus, omnium antiquorum praesentiumque hostium longe immanissimus, repentino impetu totam inundavit Italiam(...) uirtutem paganus et Scythia erat(...) alius paganus barbarus et uere Scythia, qui non tantum gloriam aut praedam quantum inexsaturabili crudelitate ipsam caedem amaret in caede, et hic iam sinu receptus Italiae Romam e proximo trementem terrore quassabat...*

³⁹ Or., *Hist. Adv. Pag.*, VII, 37: *... illum hostem Radagaisum aliorum hostium cum copiis suis inclinati ad auxilium animi. Adsunt Vldin et Sarus, Hunorum et Gothorum duces, praesidio Romanorum(...). Igitur rex Radagaisus solus spem fugae sumens clam suos deseruit atque in nostros incidit: a quibus captus et paulisper retentus ac deinde interfectus est...; *Marc. Com., Chron.*, a.406, 3: *Huldin et Sarus Hunnorum Gothorum reges Radagaisum continuo devicerunt, ipsius capite amputato, captivos eius singulis aureis distrabentes.**

⁴⁰ Or., *Hist. Adv. Pag.*, VII, 37: *... sed non sinit Deus rem potentiae suae uirtutem hominum ac maxime hostium uideri(...). Sed nihil superesse Deus de eodem populo sinit...*